

Nota  
técnica



INDÚSTRIA

# A nova industrialização

Carlos Monte

**FNE**  
FEDERAÇÃO NACIONAL  
DOS ENGENHEIROS

  
**CRESCER  
BRASIL**  
+ ENGENHARIA + DESENVOLVIMENTO

**HORA DE  
AVANÇAR »**

## A nova industrialização

*Carlos Monte*

A industrialização da economia brasileira teve sua fase áurea entre as décadas de 1930 e 1980, quando o Brasil cresceu a taxas médias próximas de 7% ao ano, o que nos levou a sermos uma das dez maiores economias do mundo. Ao longo dos últimos 40 anos, no entanto, a produção industrial brasileira foi perdendo ímpeto, tendo reduzido sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) nacional de 30% para cerca de 10%, atualmente. Nesse período recente, países antes bem mais atrasados, superaram largamente o Brasil no avanço industrial, sendo notáveis os casos da Coreia do Sul, da Indonésia, da Índia e, principalmente, da China.

Sucessivas crises da balança de pagamentos, decorrentes de combinação perversa de taxas de câmbio irrealistas e juros elevados, penalizaram os setores mais dinâmicos da economia nacional e provocaram a gradual e constante substituição do consumo de produtos industriais fabricados no Brasil por bens duráveis e insumos básicos provenientes do exterior.

Os excelentes resultados obtidos pela comercialização de produtos da agropecuária nacional nos mercados mundiais, em especial nos últimos 20 anos, contribuíram para importante geração de divisas estrangeiras, grande parte das quais vem sendo consumida na aquisição de mercadorias no exterior, que poderiam estar sendo produzidas no País. Por sua vez as altas taxas de juros praticadas para conter os surtos inflacionários, contribuíram para o crescimento do rentismo, estiolando recursos que poderiam ter sido aplicados no fortalecimento da indústria nacional.

Uma síntese dos custos da desindustrialização precoce pela qual passa o Brasil pode ser observada no quadro abaixo, que informa o valor das importações nacionais de alguns bens essenciais que poderiam ser produzidos internamente (em bilhões de dólares, ano de 2021, fonte <https://ncm.logcomex.com>)

<b>SETOR PETRÓLEO</b>	
Diesel	6,9
Óleos Brutos	14,0
Gás Natural Liquefeito	3,5
<b>Total</b>	<b>24,5</b>
<b>SETOR FERTILIZANTES</b>	
Cloreto de Potássio	3,9
Ureia	3,0
Amônia	2,8
Fertilizantes base NP	3,3
Fertilizantes base NPK	1,6
<b>Total</b>	<b>14,6</b>
<b>SETOR DEFENSIVOS AGRÍCOLAS</b>	
Herbicidas	0,8
Inseticidas	1,3
Fungicidas	0,6

<b>Total</b>	2,8
<b>MEDICAMENTOS, FÁRMACOS E VACINAS</b>	8,1

As dificuldades que atingiram o mundo desenvolvido, especialmente a partir da pandemia provocada pelo Covid-19 em 2020, vêm causando uma redução crescente das operações em empresas multinacionais no exterior, substituídas pelo uso maior de unidades fabris situadas em seus países de origem. Para adaptar-se a essa tendência, observa-se globalmente a adoção, por essas empresas, de novas formas de logística e comercialização, empregadas cada vez mais largamente.

Para poder posicionar-se competitivamente nesse cenário o Brasil precisa, igualmente, procurar meios de re incentivar a produção interna de bens e serviços de que necessita, sejam para consumo interno, sejam para exportação.

Nesse movimento, é preciso focar dois grupos de indústrias, distintos entre si:

O primeiro deles é o do conjunto de segmentos industriais de alta tecnologia que reúnem condições adequadas para liderar o movimento de reindustrialização (ou de nova industrialização). Entre esses segmentos devem ser citados como prioritários os complexos industriais da defesa, da saúde, do agronegócio e da energia.

Tais indústrias devem ser apoiadas por um grande esforço para introdução de inteligência artificial e de inovação tecnológica, a partir dos institutos de pesquisa e das universidades, contando com um forte apoio de bancos públicos, como Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco da Amazônia (Basa) e Banco do Nordeste (BNB), secundados pelas instituições financeiras privadas, e contando com a indispensável utilização de um sistema de compras governamentais para os produtos das empresas nascentes.

Poderemos assim reverter a situação atual e obter de forma gradual os seguintes resultados:

- produção de sistemas inteligentes para defesa contra ataques do exterior (nas áreas de telecomunicações, radares para vigilância e intervenção, produção de embarcações terrestres, fluviais e aéreas, armamentos de características predominantemente dissuasória, etc.);
- produção de equipamentos e materiais hospitalares de uso geral, vacinas e fármacos cujas patentes estejam vencidas;
- introdução de métodos de recuperação de solos degradados, produção de equipamentos para agricultura, pecuária e silvicultura, defensivos agrícolas e fertilizantes, apoiados pelos conhecimentos desenvolvidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa);
- produção de bens industriais voltados à adoção do uso incremental de uma matriz energética de baixo carbono, com ênfase crescente na geração eólica, solar, de biomassa e com a adoção de técnicas de cogeração elétrica e de geração distribuída.

O segundo grupo é o constituído por segmentos industriais que já dominam técnicas de produção e logística satisfatórias, caso das indústrias de construção civil,

saneamento, alimentos, metalmecânica e de papel e celulose, que se beneficiarão do crescimento dos segmentos de alta demanda tecnológica, mencionados no item anterior, e do incremento dos proventos dos trabalhadores e do consumo das famílias, em decorrência do progresso que advirá pela eclosão de uma nova onda virtuosa de desenvolvimento nacional.



[www.crescebrasil.org.br](http://www.crescebrasil.org.br)

Realização:



SDS Edifício Eldorado, salas 106/109  
CEP 70392-901 – Brasília/DF  
Tel.: (61) 3225-2288 – [secretaria@fne.org.br](mailto:secretaria@fne.org.br)

Filiada à



 /FNEengenheiros

 /fnengenheiros

 /FNESind

 [www.fne.org.br](http://www.fne.org.br)